

A JORNADA DO HERÓI NO LIVRO ILUSTRADO CONTEMPORÂNEO: ANÁLISE DA OBRA O PASSEIO, DE PABLO LUGONES E ALEXANDRE RAMPAZO

Alice Atsuko Matsuda¹

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira²

Silvana Augusta Barbosa Carrijo³

Resumo: Na contemporaneidade, o letramento de imagens tem se mostrado necessário visto que elas ocupam espaço em todos os meios de comunicação. No entanto, muitas vezes, a leitura de livros, cujas ilustrações possuem pregnância estética, a qual fomenta a constituição da memória afetiva do leitor e alfabetiza seu olhar desde a infância, não faz parte da formação de leitores em âmbito escolar. Nesses livros, a materialidade, as cores nas ilustrações, o formato, o fundo das páginas, a composição dos elementos, a tipografia, entre outros elementos, estão a serviço da história. Neles, tudo conta em amplo sentido (GONZÁLEZ, 2017), por isso têm se revelado verdadeiros objetos de arte que merecem reflexões quanto ao seu potencial para a formação do leitor estético (ECO, 2003). Dessa forma, o presente artigo, objetiva analisar a obra *O Passeio* (LUGONES, 2017), tendo como aporte teórico a Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999). Esse livro, escrito por Pablo Lugones e ricamente ilustrado por Alexandre Rampazo (2017), aborda a temática da viagem sob a forma de um passeio existencial que, desfrutado por pai e filha mesmo quando

1 Possui Graduação em Letras Anglo Portuguesas e Especialização em Letras-Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Londrina, Mestrado em Letras - Literatura e Ensino - pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001) e Doutorado em Letras - Estudos Literários - pela Universidade Estadual de Londrina (2009). Em junho/2018 finalizou Estágio Pós-Doutoral na Universidade de Coimbra, com auxílio Capes, integrando o Grupo de Investigação Mediação Digital e Materialidades da Literatura. É professor titular, Associado 1, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL). É líder do Grupo de Pesquisa LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ANÁLISE LITERÁRIA E FORMAÇÃO DO LEITOR (UTFPR). Participa também como membro do GT LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, da ANPOLL; dos Grupos de Pesquisas RELER - Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Leitura (PUC - Rio); Discursos sobre Trabalho, Tecnologia e Identidades (UTFPR/PPGTE) e do Grupo de Pesquisa Literatura e Cultura Contemporânea (ULBRA). Tem experiência nas áreas de Letras e de Jornalismo com ênfase em Literatura Infantil e Juvenil, Metodologia e Prática de ensino de Língua Portuguesa e de Literatura, Educomunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura infantil e juvenil, Lygia Bojunga Nunes, leitura e literatura na escola, literariedade e formação do leitor - Método Recepcional, metodologia e prática de ensino de Língua Portuguesa e de Literatura, análise literária, literatura brasileira e literatura e mídia na escola. Contato: alicem@utfpr.edu.br

2 Graduada, mestrada e doutorada em Letras pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" UNESP, Câmpus de Assis, Estado de São Paulo, com linha de pesquisa em Literatura e Vida Social, na área de Literaturas de Língua Portuguesa. Possui experiência nas áreas de Literatura, Leitura e Ensino, com ênfase em Formação do Leitor. Temas de pesquisa mais recorrentes: leitura, literatura infantil e juvenil, e formação de leitores. Professora assistente doutora na graduação e pós-graduação da Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras (FCL da UNESP, Câmpus de Assis-SP). Membro dos Grupos de Pesquisa: Leitura e Literatura na Escola (UNESP - Assis - SP); Literatura Infantil e Juvenil: análise literária e formação do leitor (UTFPR - Curitiba - PR); RELER - Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Leitura (PUC - Rio); e A narrativa ficcional para crianças e jovens: teorias e práticas (UERJ-Rio). E Membro do Grupo de Trabalho "Leitura e Literatura Infantil e Juvenil", junto a ANPOLL. Contato: eliane@assis.unesp.br.

3 Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal de Goiás, Câmpus Catalão (1995), Mestrado em Letras e Linguística (2003), Doutorado em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (2009), sob orientação da Profa. Dra. Maria Zaira Turchi e Pós-Doutorado na UNESP/ Faculdade de Ciências e Letras de Assis (2014), sob supervisão do Prof. João Luís Ceccantini. Como parte das atividades de doutoramento, realizou Estágio de Doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris-Fr, sob supervisão do Prof. Jacques Leenhardt. Como parte das atividades de pós-doutoramento, realizou Estágio de Pós-Doutorado na Universidade de Santiago de Compostela-ES, sob supervisão da Profa. Dra. Blanca-Ana Roig Rechou. É Professora Associada II da Universidade Federal de Goiás - Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística - Regional Catalão, atuando nos cursos de Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (Mestrado e Doutorado). Coordenou, de março de 2018 a abril de 2019, a Editora Letras do Cerrado (Regional Catalão-UFG). Integra, na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), o GT Leitura e Literatura Infantil e Juvenil. É membro pesquisadora dos Grupos de Pesquisas cadastrados no CNPq, Leitura e Literatura na Escola (UNESP/Assis) e A narrativa ficcional para crianças e jovens: teorias e práticas (UERJ). É membro pesquisadora da RELER - Rede de Estudos Avançados em Leitura, do IILER - Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC - RIO - Cátedra Unesco de Leitura. É membro colaboradora externa do Grupo Liter 21 - Literatura Gallega. Literatura Infantil Y Juvenil. Investigaciones literarias, artísticas, interculturales y educativas (Universidade de Santiago de Compostela-ES). É autora de livros, capítulos de livros e artigos em periódicos nacionais e internacionais especializados. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Literários, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura infantil; literatura juvenil; imaginário, ficção, memória, literatura de autoria feminina, gênero (gender).

um deles se encontra em trilha diversa, conduz à compreensão dos ciclos naturais da vida. Sua história, por apresentar protagonistas em devir que obtêm conhecimentos ao longo da jornada, dialoga com o *Bildungsroman*. Ao acompanhar esses aventureiros, o leitor em formação empreende uma trajetória ao lado deles, em especial, na direção de si mesmo. Ao término dessa viagem literária, esse leitor reencontra-se com o mundo e sente-se transformado, pela percepção de que a vida prossegue na jornada das próximas gerações que conferem continuidade à existência.

Abstract: Nowadays, the literacy of images has been shown to be necessary since they occupy space in all media. However, usually, reading books, whose illustrations have an esthetic impregnation, which fosters the constitution of the reader's affective memory and literates his / her eyes since childhood, is not part of the education of readers in the school environment. In these books, materiality, colors in illustrations, format, bottom of pages, composition of elements, typography, among other elements, are at the service of history. In them, everything counts in a broad sense (GONZÁLEZ, 2017), which is why they have proved to be true objects of art that deserve reflections as to their potential for the formation of the aesthetic reader (ECO, 2003). Thus, the present article aims to analyze the work *O Passeio* (LUGONES, 2017), having as theoretical support the Aesthetics of Reception (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999). This book, written by Pablo Lugones and richly illustrated by Alexandre Rampazo (2017), addresses the theme of travel in the form of an existential walk that, enjoyed by father and daughter even when one of them is on a different path, leads to the understanding of natural life cycles. Its history, for presenting protagonists in becoming who obtain knowledge along the journey, dialogues with *Bildungsroman*. When accompanying these adventurers, the trainee reader embarks on a journey alongside them, especially towards himself. At the end of this literary journey, this reader is reunited with the world and feels transformed, by the perception that life continues on the journey of the next generations that give continuity to existence.

Palavras-chave: Literatura Infantil e Juvenil; Livro ilustrado; Formação do leitor.

Keywords: Children and Youth Literature; Illustrated book; Reader training.

Introdução

Na sociedade contemporânea, o professor de Literatura depara-se com a valorização excessiva dos meios de comunicação, como internet, celulares, jogos eletrônicos, entre outros, em detrimento do livro, em especial, do ato da leitura, pela maioria dos jovens. Por sua vez, estes convivem diariamente com imagens estereotipadas dispostas em *cartoons*, desenhos animados, histórias em quadrinhos, entre outras, e com a poluição visual que permeia muros, escadarias, túneis, entre outros espaços dos grandes centros urbanos, além daquela exposta em peças publicitárias, outdoors, displays, folhetos, entre outros meios. A questão que se coloca é a do encantamento, da memória e da imaginação desses leitores. Será que essas imagens podem compor sua memória afetiva, possuem pregnância para arrebatá-los pelo surpreendente e encantador ou, apenas, automatizam seu olhar, ofertando estereótipos?

Para Rui de Oliveira (2008), a criação da memória afetiva do leitor em formação é uma das funções da ilustração. Aliás, o livro ilustrado infantil e juvenil contemporâneo constitui uma forma “específica de expressão” (LINDEN, 2011, p.29), na qual a materialidade tem importância significativa, pois produz efeitos de sentido. Ele é projetado para valorizar a interação sinestésica com seu público, instalar a “cena” na folha dupla (LINDEN, 2011), além de assegurar a articulação

entre a narrativa e o plano imagético. Seu objetivo é cativar o olhar, pela apresentação de cores intensas; formatos surpreendentes; inserções imagéticas tanto de elementos do universo mundano quanto do universo das artes; linguagens dinâmicas, principalmente pela junção entre textos verbal e imagético, entre outros recursos (LINDEN, 2011; NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011; SALISBURY; STYLES, 2013).

A partir desse pressuposto, elegeu-se para análise o livro *O passeio* (2017), escrito por Pablo Lugones e ilustrado por Alexandre Rampazzo, visando observar, a partir do aporte teórico da Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999), se sua leitura estabelece comunicabilidade com o leitor implícito, fomenta a constituição da memória; desautomatiza o olhar em relação à imagem e ao livro ilustrado; rompe com conceitos prévios sobre relações humanas em sociedade; e amplia, pela exploração do tema da viagem, seu imaginário, favorecendo, assim, a sua formação como leitor estético (ECO, 2003), que reflete sobre como se estrutura um texto. Para tanto, procurou-se analisar seu projeto gráfico editorial, concebendo que este revela uma intenção de leitura a partir da junção entre texto e imagem em um único objeto, ou seja, projeta um leitor implícito.

Justifica-se a eleição do livro *O passeio* (2017), pois se trata de obra contemporânea, dotada de valor estético, cuja temática da viagem, configurada em passeio existencial, revela-se atraente para a criança e o jovem leitor. No romance de viagem (CRISTÓVÃO, 2009) é recorrente a figura de um jovem protagonista que, motivado por uma deficiência simbólica, parte em direção ao desconhecido em busca de respostas, sendo posto a provas. Nesse processo, a personagem, por vencer limitações de diferentes ordens e obter a revelação do que sempre estivera em seu coração e/ou do grupo a que pertence (CAMPBELL, 2000), realiza um percurso próximo ao da jornada heroica (SCHRAMMEL, 2009).

Essas narrativas dialogam também com o *Bildungsroman*, pela apresentação de um protagonista em devir (BAKHTIN, 2000) que, na jornada, obtém conhecimentos e amadurece suas percepções existenciais. Conforme Joseph Campbell (2000), a viagem como busca simbólica é universal e suas raízes remontam aos mitos gregos, mais propriamente às jornadas de Ulisses, Hércules, Teseu, entre outros. Nesses romances, a vitória no espaço da aventura coloca o herói perante o mundo. Cabe, então, refletir como se configura na obra de Lugones; Rampazzo (2017) a jornada. Será que seus protagonistas conseguem obter conhecimentos na viagem, confirmando a jornada como emancipatória?

Essa obra, pela exploração da aventura, visa também à recepção (JAUSS, 1996; ISER, 1996, 1999), por isto trata da individuação tão cara aos jovens em suas jornadas de passagem para uma vida com mais responsabilidade. O jovem leitor, ao acompanhar o grupo aventureiro, empreende imaginariamente uma trajetória ao lado dele, em especial, na direção de si mesmo e na superação de conceitos prévios. Assim, esse viajante-leitor, pelo próprio ato de ler, o qual suscita “[...] um

desvio do conhecido em busca do estranhamento” (CADERMATORI, 2012, p. 32), ao término da viagem literária, reencontra-se com o mundo e sente-se transformado. Para Lisnéia B. D. Schrammel, o conhecimento, por parte dos jovens, dos caminhos percorridos pelas personagens pode encorajá-los em suas jornadas pessoais “[...] a abraçarem as suas buscas, os seus sonhos” (2009, p. 67).

Almejou-se contemplar também a folha dupla, pois nela tanto o texto verbal, quanto a imagem se dispõem livremente, possibilitando aos criadores um campo fundamental e privilegiado de registro e de expressão. Esse tipo de folha, pela representação, considera a abertura do livro como um suporte expressivo em si, capaz de escapar ao movimento de encadear páginas na leitura (LINDEN, 2011).

Na obra, a relação entre imagem e texto é de interação, sobretudo, exerce a função de colaboração, na qual o sentido não emerge só das imagens ou do texto, antes da relação entre os dois, pois um preenche as lacunas do outro (LINDEN, 2011). Além dessa função, consideraram-se as elencadas por Luís Camargo (1998), pautadas em Jakobson, para a análise das ilustrações. Entre essas funções, buscou-se reconhecer a: *narrativa*, orientada para o referente, visando situar o representado, bem como suas transformações ou ações que asseguram a progressão discursiva; a *expressiva*, orientada para o emissor da mensagem quando capaz de manifestar seus sentimentos e emoções, ou para o ser representado na manifestação interior; a *estética*, quando põe em relevo a forma ou configuração visual com o objetivo de sensibilizar por meio das cores ou sobreposições delas em pinceladas com textura, manchas, alternâncias, abstrações, linhas etc.; a *lúdica*, em que a imagem apresenta-se sob a forma de um jogo, seja em relação ao emissor, referente, à forma da mensagem visual ou ao destinatário; a *metalinguística*, orientada para o próprio código visual com remissão ao universo da arte.

Apesar das potencialidades que a leitura do livro ilustrado oferece, conforme resultados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (FAILLA, 2016), poucos brasileiros demonstram competência ou gosto por essa atividade. Essa constatação evidencia que a formação literária nas escolas, ainda, é deficitária, espoliando os alunos-leitores do processo que poderíamos chamar “alfabetização imagética”. É o que bem elucida a nota do editor no belíssimo trabalho *Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*, de Rui de Oliveira, escrita por Daniele Cajueiro:

Desde crianças somos ensinados a ler palavras. Mas não imagens. [...]. Vários adultos não tiveram chance de se encantar com uma boa ilustração, de se descobrir nela. Assim como muitos não estão acostumados a apreciar uma boa pintura, uma escultura, um livro, um filme ou um espetáculo teatral. Nem sempre a arte, onde também se insere a ilustração, é vista como deveria: fundamental para nos constituirmos como seres humanos críticos e atuantes na sociedade em que vivemos (2008, p. 9-10).

Desse modo, a reflexão sobre as potencialidades do livro ilustrado contemporâneo na formação do jovem leitor impõe-se a pesquisadores da área da Literatura. Além disso, o livro eleito como objeto de estudo, por ser recente, não foi investigado como produto cultural que se apresenta enquanto provocação para que o leitor em formação lhe atribua sentidos, bem como a si mesmo e ao seu entorno. Nessa dialogia entre obra e público jovem, escritor e ilustrador apresentam formas singulares de expressão, cabe analisá-las, a fim de perceber se são emancipatórias, favorecendo a formação do leitor estético, o qual reflete sobre como se constitui uma obra (ECO, 2003).

Um passeio com o leitor

Na obra *O passeio*, escrita por Pablo Lugones e ilustrada por Alexandre Rampazo (2017), engendra-se, no entrelace entre ilustração e texto verbal, aquele tipo de texto que Ricardo Azevedo denomina como “livros mistos”:

[...] casos em que texto escrito e imagens dividem em pé de igualdade essa espécie de palco que é o livro. Aqui, ambos são protagonistas e atores principais. Nesse tipo de livro, texto e imagem estão nivelados, são absolutamente complementares e atuam sinérgica e dialogicamente (2004, p. 3).

Na esteira dessas considerações de Azevedo, ajuizamos que, embora na obra (2017) o texto imagético seja predominante em relação ao verbal, a relação entre eles efetiva-se pela interação. Sua capa indica, pela ilustração sangrada e pelo título, um passeio lúdico e divertido de bicicleta, pautado pela confiança entre personagens com idade opostas; uma menina e um idoso. Nota-se, nessa capa, o emprego das funções *expressiva*, capaz de manifestar os sentimentos e emoções dessas personagens, por meio de seus rostos e postura corporal que evocam diversão e satisfação em um passeio de bicicleta. A função *lúdica*, sob a forma de um jogo, amplia-se no entrelaçar do cachecol desse homem ao título, mais propriamente à letra “o”, sobrepondo-se ao “i” e posicionando-se atrás do “e”, evocando que o puxa consigo também a passear. Trata-se de uma cena com função *metapictórica* e *metalinguística*, em que a ilustração narrativa, marcada pelo movimento (CAMARGO, 1998), carrega consigo a história que encena:

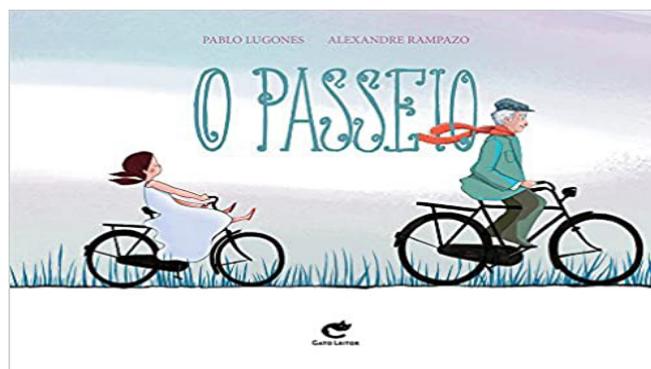


Figura 1: A capa da obra “O Passeio” (2017)

O entrelaçar também se realiza pelas cores, pois o verde do título espalha-se no plano de fundo, na vegetação que margeia o caminho e nas vestimentas do homem. Por sua vez, a cor branca no vestido da menina compõe a paisagem e a zona de silêncio, evocando tranquilidade de quem se diverte, pois desfruta da companhia e do passeio. O vermelho do cachecol também aparece de forma diluída no plano de fundo, nos sapatos da menina e nos nomes do escritor e ilustrador. Essas cores, em harmonia, configuram um cenário agradável, tranquilo e de temperatura amena, enfim, favorável ao passeio. Esse jogo de cores, coerente ao efeito de sentido que se almeja, associado à diluição no plano de fundo, que produz manchas e granulados muito sutis, e à linha que sustenta o caminho das personagens, realiza-se pela função *estética*, pois evidencia a forma, a configuração visual com o objetivo de sensibilizar. Essa linha sólida na cor preta evoca a sensação de trajeto seguro para as personagens e suas jornadas. Ela instaura também a margem na parte baixa da folha, produzindo a zona de silêncio. Justamente, essa zona, por ser ocupada em algumas cenas pelo texto verbal, subverte seu conceito usual e, pela configuração de planos, requer do leitor implícito a reflexão sobre o poder de comunicar tanto do plano imagético, quanto do verbal em comunhão com ele.

Como o título da obra inicia e termina com a mesma vogal “o”, evoca-se a ideia de circularidade no enredo, indicando que o movimento da viagem, do passeio, é cíclico e não cessa jamais. Esse aspecto circular é enfatizado pelas folhas de abertura e fechamento do livro que, mesmo sangradas, são margeadas por vegetação, indicando o mesmo caminho da capa do livro. Pela leitura dessa capa, o jovem leitor pode criar a hipótese de que a cena retrata um avô e sua neta passeando de bicicleta. Desse modo, essa cena estabelece relação de contraponto com a narrativa verbal e imagética (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011), pois subverte seus discursos, instaurando uma lacuna que só será preenchida pelo leitor, ao percebê-la, como síntese da história. Essa produtividade exigida do leitor implícito (JAUSS, 1994), pela revisão de hipóteses, assegura o prazer na leitura (ISER, 1996, 1999), além da possibilidade de vivência da fantasia e do ludismo que ampliam o imaginário.

Nota-se, pelo formato da obra (20 cm de altura x 28 cm de largura, que resultam em 56 cm

quando o livro está aberto) – desprovida de fólios⁴ que atrapalhem qualquer projeção imaginária –, que as personagens realizam um percurso horizontal. A materialidade da obra impõe um encadear de folhas que convoca o olhar do leitor a percorrer a história da esquerda para a direita, também pela horizontalidade. Nesse processo sinestésico de encadear as páginas, o leitor sente-se como convidado a prosseguir adiante ao lado das personagens. Por sua vez, o percurso trilhado pelas personagens, configurado na folha dupla sangrada, indica que o movimento instalado nas cenas é comum, pertence ao mundano e segue sempre para frente, pois não há retrocessos na estrada da existência. Justifica-se que, na capa, o homem esteja adiante da menina, pois a sua chegada ao ponto final da jornada acontecerá antes da dela.

Em *O passeio* (2017), a travessia configura-se sob a forma de jornada existencial, em que a filha inicia seu percurso de descobertas e desafios, aprendendo a pedalar graças à tutela de seu heroico pai. Essa tutela, no entanto, não se faz pelas vias do autoritarismo ou cerceamento. As duas primeiras cenas do livro (2017, p. 1-2) apresentam um jovem pai se curvando à altura da filha na bicicleta, apontando-lhe o caminho sempre adiante e segurando-a na bicicleta, inclusive correndo com esforço ao seu lado. Não há texto verbal, pois as imagens são suficientes para comunicar a ideia de proteção, carinho, confiança, investimento na conquista de autonomia pelo outro. Todo o enredo que se segue a esta cena é marcado pela função *narrativa* que situa as personagens em movimento sobre suas bicicletas, bem como suas transformações e ações ao longo da passagem do tempo, assegurando, assim, a progressão discursiva.

A cena de abertura é típica da infância em que o grau de enfrentamento e autonomia por parte da criança será tão mais satisfatório quanto menor for a tutela adulta sobre ela. Essa tutela é esmaecida na terceira cena do livro (2017, p. 3-4) a apresentar um pai que aprecia o processo de emancipação por parte da filha que, por sua vez, diverte-se com a conquista e revela-se audaciosa: “Aquele dia, quando papai perguntou: “preparada, filha”?, mal tive tempo de responder e já saí a toda a velocidade” (2017, p. 4):



Figura 2: Conquista de Competência (p. 3-4)

⁴ Como não há fólios, a paginação será feita por meio de contação livre das páginas do livro.

Nessa perspectiva, a postura corporal do pai (2017, p. 3) demonstra um comportamento pautado pela espera e observação serena do possível progresso da filha, deixando-a livre para o bordado de seu próprio viajar. Na sequência, adiante da menina (p. 5-6), observa-a uma borboleta azul, na zona nobre da página, canto direito, na parte baixa. Essa borboleta, pela sua cor, simboliza a metamorfose, as transformações dos seres humanos ao longo da vida (DICIONÁRIO DE SIMBOLOS, 2020⁵). Na ilustração seguinte (2017, p. 7-8), o leitor refaz suas hipóteses, pois percebe que a filha jamais esteve sozinha no passeio, pois, de forma metonímica, o pai jamais deixou de acompanhá-la, o que justifica sua confiança e a presença do pneu da frente de outra bicicleta logo atrás dela, justamente para quem ela acena, na companhia da borboleta:



Figura 3: Em Boa Companhia (p. 7-8)

Durante esse percurso, a filha acredita ser mais veloz e estar na dianteira, como deixa entrever o texto verbal: “Mesmo com suas pernas longas, papai não me alcançava. ‘Vou ter que dar uns patins de presente pra ele’, pensei.” (2017, p. 8). Todavia, na cena seguinte (2017, p. 9-10), a filha é surpreendida pela aproximação divertida e jovial do pai que, em um esforço, derruba seu boné, sendo seguido pela borboleta azul, como a indicar que ele também se transformou para acompanhar a filha na jornada. Nota-se que a filha também se esforça por manter a dianteira, assim, instala-se entre eles um jogo lúdico de desafios, que diverte também ao leitor: “Mas foi ele quem fez a surpresa primeiro.” (2017, p.10).

À medida que o leitor avança na leitura, no mesmo compasso do trilhar das personagens, percebe a assincronia entre o tempo cronológico de um passeio e o tempo a que as imagens realmente aludem; o tempo da jornada existencial. Desse modo, suas hipóteses iniciais são revistas. É o que deixam entrever as ilustrações em que as personagens avançam também em suas faixas etárias. Desse modo, a menina cresce na mesma proporção que envelhece seu pai. Nota-se, então, que a vida se delonga neste afetivo e divertido dueto, em que a viagem é agradável (2017, p.11-12), pois pautada pelo compartilhar de afetos e experiências.

⁵ <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/borboleta/>

Essa travessia de parelha emancipa a filha, pois lhe permite descobrir o valor da persistência, ao lado de um pai que se diverte em sua companhia e jamais a subestima: “Andou ao meu lado por um momento e logo tomou a dianteira.” (2017, p. 11). Como se deseja provar, a filha luta pela primeira posição, assim, o caminho torna-se íngreme para ela (p. 13-14), repleto de desafios, sinalizando o adentrar na adolescência: “Eu não quis ficar para trás e abri caminho para novas descobertas, sem medo de cair.” (2017, p. 14). Entre eles, instala-se a borboleta, evocando as transformações em ambos. A ausência de medo, por parte da filha, advém da certeza de possuir competência e respaldo em qualquer outra jornada, mesmo distante do pai.

O pai, justamente pelo amadurecimento rumo à velhice, não quer abrir mão da partilha da jornada com a filha (2017, p. 15-16). Para ele, contudo, o caminho é suave, pois está na descida rumo ao término da jornada, o que angustia a filha e a leva a questionamentos: “Meu pai também não queria deixar a sensação de liberdade que nos embalava” (p. 15). Já a travessia, para a jovem filha, é eivada de questionamentos, provenientes do próprio processo de constituição identitária na juventude.

Durante o percurso, a filha observa: “Às vezes, a distância entre nós podia aumentar. Isso era natural.” (2017, p. 17-18). Pode-se notar que essa naturalidade é difícil de ser suportada pelo pai, em caminho íngreme, acompanhado pela borboleta azul em seu ombro. Para a jovem, a aventura é fascinante, por isso, seu caminho configura-se na descida, na vertigem da juventude. Apesar disso, a filha se questiona sobre o afastamento: “O que seria o melhor a fazer? Continuar num ritmo acelerado?” (2017, p. 19). Ela problematiza o próprio passeio, metáfora da jornada existencial: “Ou deixar o vento guiar o rumo e desfrutar da paisagem?” (2017, p. 22):



Figura 4: Metáfora da Jornada Existencial (p. 22)

Pela cena, nota-se que ela encontrou a resposta, pois pai e filha emparelham suas bicicletas em satisfatório encontro, sem disputas, apreciando a companhia um do outro (2017, p. 21-22). Atrás deles, está a borboleta azul. Nessa nova realidade, marcada pelo convívio próximo, ambos se divertem, alternando a posição de suas bicicletas no passeio (2017, p. 23-24).

Todavia, o vazio se instaura no discurso da filha, sendo marcado pelas reticências, pela impossibilidade de dizer: “Então, enquanto meu pai seguia animado pela brincadeira, sempre com seu jeito de criança...” (2017, p. 24), evocando uma lacuna que não consegue preencher, pois marcada pela ausência e solidão. As reticências do trecho se somam ao plano de fundo das ilustrações que, outrora era claro, evocando o dia, a alegria e vida plena, mas passa a ser sombrio, em azul muito escuro, pontuado de estrelas, evocando uma noite que persiste em permanecer por várias cenas.

A filha tenta prosseguir na jornada, até que conclui: “...eu vi o tempo passar” (2017, p. 30). Essa constatação leva-a a desembarcar da bicicleta – alegoria da alegria – e olhar para trás, reavaliar o percurso, desejar a companhia de seu parceiro de viagem (2017, p. 29-30). Até mesmo a borboleta desaparece, intensificando a solidão da personagem. A cena seguinte a apresenta sozinha, distante da bicicleta, acenando para trás (2017, p. 31-32), para a vida que conheceu e não existe mais. Nessa perspectiva da ausência do pai é interessante observar que, à medida do instaurar do plano de fundo escuro nas ilustrações, o texto verbal se rarefaz, perde-se a capacidade de “contar”, narrar a própria história (2017, p. 33-34).

Apesar da ausência do pai, a borboleta azul retorna, embora a jovem não a perceba de imediato, o que confere ao leitor, pelo privilégio de conhecer primeiro, a sensação de que sabe mais que a protagonista, obtendo assim prazer na leitura. Na sequência, a moça visualiza a borboleta azul (2017, p. 35-36) e se recorda da fala de seu pai: “[...] preparada, filha”? (2017, p. 36). Ela recobra o ânimo, pois percebe que a vida é repleta de transformações e, seguindo essa borboleta azul, vale-se do farol da bicicleta para iluminar o caminho (2017, p. 37-38).

Justamente, da aceitação da morte como parte da existência, amplia-se o significado da indagação do pai feita na infância sobre o fato dela estar preparada, porque no novo contexto essa pergunta remete à capacidade de resiliência frente às vicissitudes da vida. À indagação, a filha responde com uma constatação: “Nem sempre se está preparado. De uma hora para a outra tudo pode mudar” (2017, p. 40). A morte, a finitude humana, é uma dessas experiências que obrigam a um reordenamento e reinvenção da vida. Essa reinvenção se dá para a personagem – e também para o leitor –, por via do processo de continuidade, após a ruptura (2017, p. 39-40).

Ao continuar o percurso, a garota supera suas carências e, como sugerem as ilustrações, o dia retorna ao plano de fundo iluminado, permeado novamente por duas bicicletas (2017, p. 41-42), indicando que ela encontrou alguém que ressignificou seu percurso, inclusive com a indicação da borboleta. Desse relacionamento surge a continuidade da vida que permite, então, um novo caminhar, se não mais acompanhado pelo pai, agora na companhia do filho (2017, p. 43-44). À ilustração que a apresenta prosseguindo e, desta vez, ensinando à criança o mesmo roteiro ciceroneado pelo pai, soma-se o texto verbal: “Mas quando a aventura parece chegar ao fim, as boas recordações vêm para

lembrar...” (p. 44). Como se pode observar, memória e afeto se mesclam em uma lírica da narrativa que, nesse momento, chega a cabo, ilustrada com a imagem da criança na bicicleta e a menina que, agora mãe, incursiona-o na arte de pedalar e viver (2017, p.45-46), deduzindo “...que o passeio sempre pode continuar” (2017, p.46).

Conforme observa Aguiar (2010, p.16), “o confronto do homem com seu fim é um dos motivos que sustentam a criação artística em geral e a literatura em particular”. A obra *O passeio* interpela o jovem leitor a uma postura frente à morte. Trata-se da abordagem de um tema que, ao ser contemplado pela literatura infantil e juvenil, presta um verdadeiro serviço ao processo de educação sentimental do leitor, tal como o compreende Yolanda Reyes:

Em meio à avalanche de mensagens e estímulos externos, a experiência literária brinda o leitor com as coordenadas para que ele possa nomear-se e ler-se nesses mundos simbólicos que outros seres humanos construíram. E embora ler literatura não transforme o mundo, pode fazê-lo ao menos mais habitável, pois o fato de nos vermos em perspectiva e de olharmos para dentro contribui para que se abram novas portas para a sensibilidade e para o entendimento de nós mesmos e dos outros.

Precisamos de histórias, de poemas e de toda a literatura possível na escola, não para sublinhar ideias principais, mas para favorecer uma educação sentimental (2012, p. 27-28).

Disponibilizar ao leitor em formação o contato com temas complexos em obras dotadas de valor estético aciona seu imaginário e suscita sua reflexão sobre enfrentamentos existenciais, não de forma didática, mas sim por meio da catarse literária. Entre os processos de investigação voltados para a dinâmica dos símbolos, mitos e do imaginário, destacamos os estudos do antropólogo Gilbert Durand (2012), que assinalam a existência de uma estreita relação entre os gestos dominantes corporais do ser humano, os centros nervosos e as representações simbólicas.

Durand constata a existência de regimes de imagens e de estruturas antropológicas do imaginário, concebido por ele como “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens” (2012, p.18). Apoiando-se numa tripartição reflexológica das dominantes postural, digestiva e copulativa no/do ser humano e relacionando tal tripartição a uma bipartição entre dois regimes de imagens, o regime diurno e o regime noturno, Durand (2012) procura distinguir e classificar os chamados feixes ou constelações em que imagens isomorfas vão convergindo em torno de núcleos organizadores.

Na obra *O passeio* (2017) aparece configurado na imagem o regime diurno, relacionado à dominante postural, no caso, ao andar de bicicleta. Nessa perspectiva, vida e morte se apresentam como elementos antitéticos, separados. Após a morte da personagem paterna, nota-se a presença do regime noturno, mais propriamente do regime noturno sintético, que se caracteriza, de um lado, por arquétipos e símbolos do retorno, do domínio cíclico do tempo; de outro, por arquétipos e símbolos do progresso temporal, que manifestam “a confiança no resultado final das peripécias dramáticas do tempo” (DURAND, 2012, p. 282). Nesse regime de imagem, nem contrária à vida, nem equivalente a ela, a morte é representada como continuidade progressiva da vida. No seio da morte, encarna-se uma promessa de renascimento.

Nessa perspectiva, não há enfrentamento épico da morte, mas sim esperança na continuidade, uma vez que a filha se refaz, por meio da vivência com o filho. A última ilustração, diga-se de passagem, torna a narrativa cíclica, ao apresentar a filha, agora mãe, apontando para frente de modo a indicar ao menino o caminho da travessia, assim como o fizera o pai, no início da obra.

Considerações finais

Se a vida é mesmo o intervalo entre o nascimento e a morte, muito importantes são aqueles que nos ajudam, em nossa jornada heroica, a subir a escarpa e contemplar, lá de cima, o espetáculo ou a danação da existência. No livro ilustrado *O passeio* (LUGONES, 2017), a viagem, metáfora do período intervalar entre nascimento e morte, é realizada, primeiramente por pai e filha a formarem um dueto através do qual o primeiro ciceroneia a segunda, em suas travessias e deslocamentos. Em seguida, essa viagem se redobra, no momento em que a filha, ao tornar-se mãe, enceta a mesma travessia com seu filho, ressignificando, assim, seu posicionamento na jornada.

A narrativa da jornada dialoga com o *Bildungsroman*, visto que a protagonista adquire conhecimentos durante a viagem, confirmando-a como emancipatória. Observa-se o processo de formação no crescimento, educação, aprendizagem, amadurecimento dessa filha no confronto com os acontecimentos do mundo, não se deixando abater diante da morte do pai. Ela prossegue na jornada, dando continuidade ao ciclo, pois é quem agora ensina o seu filho nesse passeio.

Além disso, pode-se constatar que a criação da memória afetiva foi materializada pelas ilustrações carregadas de simbologias pelas suas cores, traços, formatos, composição, tipografia, enfim, todos os elementos foram trabalhados de forma estética, conjugando com o texto verbal. O leitor, ao pegar o livro e folheá-lo com certa velocidade, apenas observando as ilustrações, tem a sensação de estar vendo a passagem de um filme – o filme do ciclo da vida. Esse efeito acontece devido à sequência das ilustrações que cria a impressão de movimento.

Enfim, pode-se afirmar que Lugones e Rampazo (2017), em *O passeio*, possibilitam ao leitor momentos de muita reflexão diante de uma obra altamente artística e emancipatória, oportunizando-o a ler pelo olhar.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. A morte na literatura: da tradição ao mundo infantil. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (Orgs.). *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010, p. 23-42.

AZEVEDO, Ricardo. Diferentes graus de relação texto e imagem dentro de livros. 2004. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/artigos/>>. Acesso em: 27 maio 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria E. Galvão G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CADERMATORI, Ligia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CAMARGO, Luís H. de. *Poesia infantil e ilustração: estudo sobre Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*. 214 p. Dissertação de Mestrado pela Universidade estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo, 1998.

CAJUEIRO, Daniele. Nota do editor. In: OLIVEIRA, Rui. *Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 9-11.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 6. ed. Trad. Adail U. Sobral. São Paulo: Cultrix, 2000.

CRISTÓVÃO, Fernando (dir. e coord.). *Literatura de viagens: da tradicional à nova e à novíssima (marcas e temas)*. Coimbra: Almedina, 2009.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS – significado dos símbolos e simbologias. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/borboleta/>>. Acesso em: 11 jun. 2020.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ECO, Umberto. *Sobre literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LINDEN, S. V. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. *Livro Ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Rui de. Breve histórico da ilustração no livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008, p. 13-47.

REYES, Yolanda. O lugar da literatura na educação. In: _____. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. Trad. Rodrigo Petronio. São Paulo: Pulo do Gato, 2012, p. 16-29.

SALISBURY, M.; STYLES, M. *Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual*. São Paulo, Rosari, 2013.

SCHRAMMEL, Lisnéia B. *Destino: a literatura juvenil – escalas: narrativa de viagem e jornada do herói*. Porto Alegre, 2009. 127p. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.